

KATARINA KARTONERA

*Ojepotá e outros três
tristes contos tétricos*

FLORIANÓPOLIS

2019

ISBN 978-85-5581-055-8

Capa feita com papelão comprado na via pública de Florianópolis e pintada à mão, em novembro de 2019, no atelier da Katarina Kartonera

Ojepotá e outros três tristes contos tétricos

Editor responsável e projeto gráfico *Evandro Rodrigues*

Conselho editorial *Sérgio Medeiros e Dirce W. do Amarante*

MORAIS, Alison Silveira (Org.) et al. *Ojepotá e outros três tristes contos tétricos*. Florianópolis — SC: Pós-Graduação em Estudos da Tradução / PGET / UFSC & Katarina Kartonera, 2019.

Tradução e textos de apresentação: Alison Silveira Morais, André Luiz Cohn da Silveira, Brenda Bressan Thomé, Fabrício Leal Cogo, Félix Lozano Medina, Ivi Villar, Jacqueline Augusta Leite de Lima, Kátia Barros de Macedo, Lauro Luis Souza de Henrique, Luciana Lomando Cañete, Márcia Antunes Martins, Mauro Maciel Simões, Murilo Lima Munhoz, Natália Elisa Lorensetti Pastore, Samuel de Souza e Vássia Silveira.

Ilustração:

Alison Silveira Morais, Ivi Villar e Samuel de Souza

Revisão:

Brenda Bressan Thomé, Ivi Villar e Vássia Silveira

ISBN: 978-85-5581-055-8



www.katarinakartonera.wikidot.com

*Ojepotá e outros três
tristes contos tétricos*

SUMÁRIO:

Nota à edição: Dirce Waltrick do Amarante.....	7
Prefácio: Andréa Cesco.....	9
Histórias de Ojepotá contadas por um xeramoí, narrativa guarani	15
A galinha degolada, de Horácio Quiroga	23
A Loteria, de Shirley Jackson	37
A mãe aos monstros, de Guy de Maupassant	55
Sobre as ilustrações.....	66
Sobre os/as organizadores/as e tradutores/as.....	69

Nota à edição

Esta antologia é fruto do trabalho final da disciplina “Tradução Comentada”, ministrada por mim no segundo semestre de 2019.

A ideia inicial era propor que cada aluno traduzisse individualmente fragmentos de determinados textos cujas dificuldades tradutórias exigissem pensar em paratextos, tais como notas de rodapé, prefácios e posfácios. Essas reflexões seriam discutidas em sala de aula.

Tão logo conheci a turma com a qual iria trabalhar, repensei a proposta original e propus alguns desafios a mais: traduzir em conjunto um conto na íntegra. Na turma havia alunos que trabalham com textos de língua inglesa, de língua francesa, de língua espanhola e de língua guarani.

A turma foi dividida segundo as línguas de interesse. Restava saber quais contos seriam traduzidos. Pensei numa antologia de textos que flertassem com o gótico, que trabalhassem com o inusitado ou com patologias sociais, temas de pesquisa e de interesse de muitos que compunham o grupo.

Selecionei autores de diferentes épocas e diferentes tradições cujas temáticas dos contos escolhidos dialogassem entre si. E propus que se pensasse em uma publicação para o público em geral, não apenas o acadêmico.

Esta antologia contempla um conto do francês Guy de Maupassant (1850-1893), um do uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937), um terceiro da norte-americana Shirley Jackson (1916-1965), e uma narrativa oral guarani. São textos clássicos que não poderiam deixar de constar em uma antologia desses

escritores e dos narradores guarani.

A tradução, que seria apenas do texto, se ampliou, já que todos eles ganharam ilustrações, as quais também são discutidas neste livro.

O título, um trava-língua, foi escolhido com o intuito de criar no leitor um “desconforto”, o qual ele terá também ao ler esses tristes contos tétricos.

Dirce Waltrick do Amarante

Prefácio

As traduções literárias coletivas ou em parceria têm se apresentado cada vez mais como um exercício profícuo e criativo, e com certeza necessário, em disciplinas e oficinas que envolvem a prática da tradução dentro das universidades, nos cursos de graduação e pós-graduação. É através delas, e nas trocas com o outro, que também pode-se experienciar e aprimorar o fazer tradutório. Para Haroldo de Campos (2006),

O problema da tradução criativa só se resolve, em casos ideais, a nosso ver, com o trabalho de equipe, juntando para um alvo comum linguistas e poetas iniciados na língua a ser traduzida. É preciso que a barreira entre artistas e professores de língua seja substituída por uma cooperação fértil, mas para esse fim é necessário que o artista (poeta ou prosador) tenha da tradução uma ideia correta, como labor altamente especializado, que requer uma dedicação amorosa e pertinaz, e que, de sua parte, o professor de língua tenha aquilo que Eliot chamou de "olho criativo", isto é, não esteja bitolado por preconceitos acadêmicos, mas sim encontre na colaboração para a recriação de uma obra de arte verbal aquele júbilo particular que vem de uma beleza não para a contemplação, mas de uma beleza para a ação ou em ação (2006, p. 46-47).

Vale a pena mencionar que a tradução coletiva já teve importantes precedentes: Joyce colaborou com a equipe de tradução de seu *Finnegan's Wake* para o francês e o italiano e Octavio Paz contou em suas traduções com diferentes colaboradores (japonês, chinês ou sueco), de acordo com os idiomas. No entanto, a primeira experiência de tradução coletiva organizada não aconteceria até 1983 no *Centre littéraire de la Fondation Royaumont* (mais tarde, *Centre de Poésie & Traduction*), dirigida pelo poeta Bernard Noël, e na qual Rémy Hourcade e Emmanuel Hocquard, entre outros, colaboraram (CURELL, 2013,

p. 640. *Bulletin hispanique*).

É muito mais complexo decidir sozinho, não só com relação aos problemas de transmissão e atribuição, especialmente os culturais, como também no que se refere ao melhor registro, ao tom e ao ritmo apresentados pelo texto. Quando a responsabilidade é compartilhada pelo grupo, competências, habilidades e conhecimentos individuais ganham evidência e se transformam em coletivo, gerando positivas negociações (ECO, 2007) para o texto. A tradução coletiva aqui realizada trata do encontro de diversas leituras de um mesmo texto, o que garante que os resultados foram suficientemente debatidos e contrastados, respeitando o ponto de vista de todos os envolvidos no processo.

Assim, este livro, *Ojepotá e outros três tristes contos tétricos*, que é o resultado de algumas experiências coletivas desenvolvidas no campo da tradução literária, compartilha com o leitor não só quatro contos “tétricos”, como o título aponta, previamente selecionados, como também quatro escritores, quatro textos que antecedem propriamente os contos, quatro gravuras que ilustram os contos (comentadas ao final do livro), e trinta e quatro mãos que os traduzem.

“Histórias de Ojepotá contadas por um xeramoí, narrativa guarani”, abre o livro. Trata-se de uma história intrigante, contada oralmente por Azelino Mariano, da etnia Mbya-Guarani, sobre o ojepotá (lugar ou algo muito sombrio depois da vida) de karai Alcides. O conto enfatiza às crianças e adolescentes a importância de se respeitar e levar em conta a vontade e sabedoria dos mais velhos – xeramoí – e em manter vivas as suas tradições e os seus rituais.

Na apresentação do conto, os tradutores, Márcia Antunes Martins e Samuel de Souza (também ilustrador), evidenciam o valor de se “repassar os ensinamentos dos xeramoí para que outros possam ter uma vida digna e sem maldade no coração e na alma”.

O segundo conto, “A galinha degolada” (1917), um dos textos mais conhecidos do escritor uruguaio Horácio Quiroga, é ao mesmo tempo fascinante e assombroso. Ele conta a história de um casal que tem 4 filhos com deficiência intelectual e que, ao nascer uma linda menina, após o medo dela se tornar igual aos irmãos, passa a ser mimada e cercada de zelo, diferente do tratamento dado aos irmãos que são descritos como verdadeiras aberrações. A narrativa conduz o leitor a uma sequência de fatos fora do comum que beiram o horror e o bizarro.

Segundo os tradutores, autodenominados “profanadores” do texto – Félix Lozano Medina, Jacqueline Augusta Leite de Lima, Vássia Silveira, Luciana Lomando Cañete e Mauro Maciel Simões – “traduzir a galinha degolada e esquartejada para servi-la assim, na bandeja da ambiguidade, com pitadas de grotesco e num ritual profanador, foi a tarefa a que nos dispusemos.” A ilustração é de Alison Silveira Moraes.

O terceiro conto traduzido, “A Loteria”, de Shirley Jackson (1948), qualificado como denso e violento, narra a história de um ritual bárbaro e macabro chamado “loteria”, que acontece todo 27 de junho em uma pequena cidade norte-americana –a princípio pacífica e monótona, conforme se espera de uma cidade pequena de 300 habitantes. A violência desmedida e gratuita, que parte de pessoas consideradas comuns, tem a anuência de todos os

“cidadãos de bem” da cidadezinha, que a veem como um acontecimento banal e esperado. O conto nos faz pensar sobre os horrores sociais e as chamadas “tradições” comunitárias, e o quão desumanas e bárbaras elas podem ser.

Sendo assim, os tradutores – Alison Silveira Moraes (também ilustrador), André Luiz Cohn da Silveira, Fabrício Leal Cogo, Kátia Barros de Macedo, Lauro Luis Souza de Henrique e Natália Elisa Lorensetti Pastore – enfatizam, acertadamente, que buscaram manter o “aspecto de crítica e reflexão trazidos pela autora, cuja pertinência de discussão se faz imprescindível em todas as épocas, de modo a instigar incômodo e reflexão no leitor, assim como o fez Shirley Jackson”.

O quarto e último conto, “A mãe aos monstros” (1883), do poeta e escritor francês Guy de Maupassant, considerado fantástico, extraordinário, cruel e chocante, é causador de inquietações e estranhezas no leitor. O narrador conta a história de uma horrenda mulher – verdadeira curiosidade de uma cidade – conhecida como “A Diaba”, que fabricava monstros: paria crianças deformadas durante a gestação para serem posteriormente vendidas aos que lucravam com seu exibicionismo, em show de horrores. No entanto, além desta, há uma outra mãe sinalizada na narrativa.

Os tradutores – Brenda Bressan Thomé, Ivi Villar (também ilustradora) e Murilo Lima Munhoz – expõem que enquanto a primeira das mães “profana o seu corpo em nome do dinheiro (e da sobrevivência), a outra o faz em nome da beleza (e de manter sua posição em uma sociedade de aparências)”. [...] A mãe dos monstros “é aquela que não seguiu os dogmas da sociedade da época, engravidou sem se casar, foi obrigada a esconder o filho o máximo possível, pois isso a tornaria uma pária. Ela é, portanto, considerada monstruosa.”

Assim, com a intenção de manter o estilo e as ambiguidades propostas por Maupassant, os tradutores se esforçaram por “transpor as qualidades profanadoras do realismo com nuances impressionistas, fantásticas, horríveis e cínicas deste conto.”

Que esta coletânea de contos traduzidos em parceria sirva de estímulo à formação de outros grupos e de novas publicações. Parabéns a todas as tradutoras e tradutores envolvidos nesse belo projeto e especialmente à Dirce Waltrick do Amarante. Agora desfrutem da instigante leitura de *Ojepotá e outros três tristes contos tétricos*.

Andréa Cesco, novembro de 2019.

A história do Ojepotá

Narrativa Guarani



Apresentação e tradução por:

Márcia Antunes Martins

Samuel de Souza

Ilustração

Samuel de Souza

A morfologia do Ojepotá

Há muitas formas de contar as histórias do ojepotá, que passa de geração a geração, desde os tempos antigos até os dias de hoje, na cultura guarani. A história faz parte dos ensinamentos de preservação da vida e da pós-vida: uma reflexão que se faz é a da pós-vida. Muitos de nós vivem um dia após o outro como se nos preparássemos para algo que nem mesmo sabemos o que é. Para nós, guarani, quando nascemos, viemos com o corpo físico e dois espíritos que os povos não-indígenas chamam de alma e espírito.

O ojepotá, para muitos de nós, Mbya Guarani, pode ser considerado um lugar ou algo muito sombrio depois da vida, algo como o inferno para outras culturas. Dizem que se a pessoa for má na vida de vivo, pode ir para esse lugar de sofrimento infinito. O ojepotá pode ser considerado um inferno para os Mbya Guarani (para aqueles que não seguiram os ensinamentos certos), ou eles simplesmente podem “ojepotá”. De modo que ojepotá pode ser um substantivo ou um verbo.

As histórias contadas pelos xeramoí¹ (pessoas mais velhas) para nós, Mbya Guarani, sempre foram orais, mas nunca foram esquecidas, sempre repassadas de geração em geração. Nunca precisou que fossem escritas ou gravadas, mas hoje em dia até os xeramoí já pensam diferente, já sabem que se queremos alguma coisa afirmativa devemos escrevê-las em papel para serem lembradas depois. Essas histórias, antigamente e hoje, eram e são contadas para as crianças que estão em uma certa idade em que vão passar da vida de criança para a de adulto, a puberdade. A criança quando completar esse ciclo, deve repassar os ensinamentos dos xeramoí para que outros possam ter uma vida digna e sem maldade no coração e na alma.

A tradutora e o tradutor

Histórias de Ojepotá contadas por um xeramoí

Conta essa história um xeramoí, que a ouviu do seu pai, quando ele era jovem. Dizia ele que, quando uma criança de doze a quatorze anos ia passar da vida de criança para a vida adulta, a criança precisa fazer o ciclo de vida para a maturidade, sendo submetida a uma cerimônia, que os mais velhos fazem. Essa cerimônia se fazia antigamente, mas até hoje isso acontece em algumas aldeias.

Assim começa o relato de seu Azelino Mariano, da etnia Mbya Guaraní, que morava em uma aldeia do oeste de Santa Catarina, na divisa com o Rio Grande do Sul. Ele hoje não está mais entre seus parentes e familiares, a recontamos aqui:

Quando ele estava na idade de se tornar homem, saiu junto com outros jovens para um ritual, no qual um ou mais xeramoí os levavam a uma caçada e colheita na mata. Na mata, ficavam uma semana ou mais, e voltavam para a aldeia só depois que tinham caçado e recolhido muitos alimentos e mantimentos para a aldeia.

Contou que, nesse ritual, saíram de manhã para um local onde os xeramoí disseram que havia uma aldeia, a mais produtiva que eles conheciam, e que, antes, eles sempre faziam trocas de mantimentos nessa caminhada de vários dias: era uma festa para os jovens, que caçavam, pescavam e iam recolhendo mantimentos.

Contou que, depois de alguns dias de caminhada e de caças, eles chegaram a uma aldeia. Todos estavam alegres e cansados, e logo procuraram a casa do cacique. Quando chegaram na casa central, onde sempre fica o cacique e o karai (líder espiritual), não havia ninguém na casa. Foram de casa em casa e não acharam ninguém. Ficaram pensando onde estariam as pessoas da aldeia. O xeramoí dizia que ali tinha mais de trinta famílias, e que ele conhecia todas

elas. O xeramoí olhou e disse:

– Meus netos, acho que saíram para alguma aldeia perto, para alguma festa. Os jovens ficaram quietos, não perguntaram nada mais, mas um deles falou:

– Como foram para festa e deixaram tudo em casa: seus adornos, suas panelas, suas vestes, suas comidas e mantimentos, entre outros pertences?

Falou isso porque, sempre quando os Guaraní vão para algum lugar, eles levam a maioria das coisas para fazer trocas e dar algumas coisas a seus parentes. Todos ficaram pensativos, mas olhando ao redor da aldeia viram que toda a plantação estava boa de colher e as frutas, igualmente, no ponto de colheita. A aldeia estava bem farta. Todos os jovens ficaram alegres por tanta fartura e falaram assim:

– Vamos morar aqui, vamos trazer nossas famílias para cá, porque aqui tem tudo que nossas famílias precisam: roças, mata, o rio cheio de peixe, muitas árvores que dão ótimos frutos.

O xeramoí não respondeu nada na hora, só disse para continuar a colher os alimentos e os mantimentos. Já era de tardezinha quando um xeramoí disse:

– Vamos lá perto do rio nos arrumar para dormir. Um dos jovens reclamou:

– Mas por quê? Aqui tem várias casas vazias, quentes e fechadas onde podemos dormir sem perigo.

Mas os xeramoí ficaram firmes na decisão de dormirem perto do rio. Chegaram perto do rio onde havia muitas árvores grandes e altas. Os xeramoí falaram:

– Meus netos, agora vocês cortem cipós e subam nas árvores e se amarrem para dormir com segurança.

Mostrou-lhe qual tipo de cipó se podia cortar. Ninguém falou nada e fizeram o que ele mandou.

No primeiro cantar dos galos, por volta de meia-noite, todos já estavam

dormindo, menos o xeramoí. De repente, eles ouviram barulho na mata: rugidos, misturados com fala. O xeramoí falou:

– Acordem meus netos, vocês vão ver porque não podíamos dormir nas casas da aldeia nem no chão.

Todos acordaram rapidamente. Assustados, olhavam para todos os lados, quando aparece embaixo deles uma criatura que eles nunca tinham visto antes na mata. A criatura ficou olhando para eles com a cara de que tinha vontade de comê-los. O xeramoí falou com a criatura:

– Olá, meu nome é Azemildo, o karai (pajé) da aldeia do outro lado das montanhas. A criatura ficou parada, abaixou a cabeça e falou com o xeramoí:

– Desculpe meu parente, meu nome é karai Alcides, não vi que vocês não eram da minha aldeia.

O xeramoí disse:

– Porque estás assim? E tua família e teus parentes da aldeia? Onde estão?

A criatura ficou quieta por alguns minutos com vergonha de falar, mas depois falou:

– Eu avisei para eles que quando eu morresse, era para me enterrarem com os punhos, os pés e o pescoço amarrados com o cipó guembe (cipó feito da banana cô), e que me cuidassem por uma lua depois de minha morte, porque eu iria ojepotá. Mas eles não me deram ouvidos, nem me cuidaram depois que me enterraram. Então renasci e vim com essa fome insaciável. Comi toda minha família e meus parentes da aldeia.

O xeramoí pegou seu petyngua (cachimbo e fumo de corda usado pelos pajés para rezar e fazer curas), e disse:

– Vou rezar por tua família e por você.

O xeramoí fumou e rezou. A criatura ojepotá ficou de joelhos sem poder se mexer até a reza do xeramoí acabar. Então se levantou com vergonha de todos os jovens, que olhavam com medo. O xeramoí não estava com medo. O

ojepotá disse assim:

– A partir de amanhã de manhã levantem bem cedo todos os dias, se não vocês também vão ojepotá. E, ainda vivos, sempre escutem os mais velhos, porque eles têm o conhecimento da verdade. Vão passá-la para vocês, para não se tornarem isso que eu sou hoje. E ainda amanhã recolham tudo o que puderem da aldeia, tudo que puderem levar das roças e das casas, como as frutas. E antes da noite vão embora, pois posso não ter mais consciência. Porque a cada hora que passa não lembro mais da minha vida de quando eu estava vivo.

O xeramoí perguntou:

–Você renasceu e se levantou quando, seu Alcides? O ojepotá falou:

– Há sete dias eu saí do meu corpo velho e vim para esse corpo, e daqui alguns dias não haverá mais sentimentos e consciência do meu corpo antigo.

O dia nem tinha amanhecido e todos já estavam acordados. O xeramoí acordou e disse:

– Vamos arrumar as coisas e vamos colher, pegar tudo que pudermos levar e, antes da noite, vamos voltar para nossa aldeia.

Passava do meio dia, os jovens já estavam todos prontos para voltar para a aldeia deles, todos com medo. Só os xeramoí, com muita tranquilidade, ajeitavam as coisas sem preocupação nenhuma.

Os jovens, com medo, falaram para os xeramoí:

– Vamos embora, estamos todos com os mantimentos prontos, vamos o mais rápido possível.

O xeramoí, calmo, falou:

– Calma, meus netos, fiquem tranquilos, não fiquem com medo. Vocês podem fazer tudo com tranquilidade. Sem ter medo nenhum, podemos ir em paz para casa. Se o ojepotá fosse nos comer, ele já teria nos comido ontem à noite, mesmo que nós estivéssemos nas árvores amarrados. Mas ele nos deu

uma chance por que vocês não conheciam como eles nascem e surgem. A partir de hoje vocês sabem, então se cuidem. Cuidem de suas famílias, afastem-se de tudo que for de ruim, quando tiverem filhos ensinem tudo para eles, o lado bom e saudável da vida, que tudo ficará melhor. Que seus filhos e netos não vejam o que vocês viram, porque é uma experiência que vai ser transmitida para seus netos e que seus netos vão passar para os netos deles.

O xeramoí e seus netos foram para sua aldeia e cada um para suas casas. Os jovens constituíram famílias e, com os ensinamentos passados pelo xeramoí, ensinaram seus filhos, que até hoje repassam esta história de geração em geração.

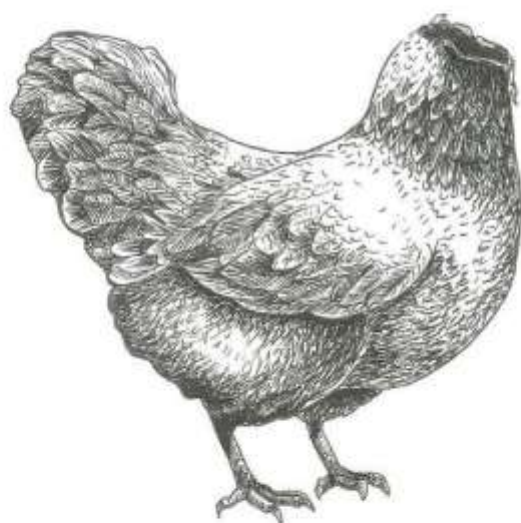
Os xeramoí, hoje em dia, falam que alguns não estão repassando os ensinamentos para seus filhos e que os ojepotá começaram a sair de novo, que estão na preparação para uma nova era.

[1] Xeramoí ou xeramõí. A grafia muda de acordo com a aldeia.

[2] *Histórias de Ojepotá contadas por um xeramoí* é um conto baseado na versão oral da narrativa contada por Azelino Mariano, da etnia Mbya Guarani.

A Galinha Degolada

Horacio Quiroga



Apresentação e Tradução por:

Félix Lozano Medina

Jacqueline Augusta Leite de Lima

Vássia Silveira

Luciana Lomando Cañete

Mauro Maciel Simões

Ilustração: Alison Silveira Morais



Da tradução: ou a galinha preparada a dez mãos

Horácio Quiroga (1879-1937), contista uruguaio, ocupa lugar ambíguo na lista de conterrâneos consagrados. Não desfruta da popularidade de Galeano, nem da unanimidade de Benedetti. Talvez justamente porque desperte a mesma reação de instabilidade e ambiguidade através de suas temáticas e assuma uma forma de escrita que se estabelece justo sobre a oscilação entre o grotesco e o imoral, ou seu inverso. O conto “La gallina degollada”² integra um de seus livros mais conhecidos: *Cuentos de amor de locura y de muerte*, publicado pela primeira vez em 1917. As duas primeiras edições deste livro (1917 e 1918) saíram sem vírgula no título por recomendação do próprio Quiroga, como atesta Manuel Gálvez: “no quiso que se pusiera coma alguna entre esas palabras”¹ (1961, p. 213). Escreveu também *Los arrecifes de coral* (1901), *El crimen del otro* (1904), *Historia de un amor turbio* (1908), *Cuentos de amor de locura y de muerte* (1917), *El salvaje* (1920), *Cuentos de la selva* (1921), *Anaconda* (1923), *El desierto* (1924), *Los desterrados* (1926), *Pasado amor* (1929) e *Más allá* (1934).

O desafio de debruçar-se sobre o conto, desconhecido por quase todas as pessoas envolvidas na tradução aqui apresentada, e profaná-lo coletivamente, da forma como define Agamben em sua obra *Profanações*³, tocando as partes sagradas deste texto até então não digerido, constituiu-se em um exercício de troca, negociação e extrema generosidade. Em nome do espírito democrático que reinou no exercício coletivo de tradução, abrimos mão de nossas escolhas e sugestões pessoais a fim de sanar os impasses aos quais a mencionada profanação nos impeliu.

Importante ressaltar que este grupo de profanadores em questão é bastante diverso, incluindo mulheres e homens de diferentes regiões do Brasil e um tradutor espanhol, o que potencializou a pluralidade de perspectivas e

proposições sobre as questões tradutórias. Em termos pragmáticos, a galinha, que já estava degolada, foi ainda esquartejada em cinco partes e depois unida e costurada por meio de discussões sobre o que decidimos denominar de nós tradutórios – partes em que a água do sentido do texto deixa de ser fluida e corrente para estancar e obscurecer-se perante a busca do seu significado ou a estrutura sintática incômoda e insuficiente alcançada na tradução. Mas a despeito das estagnações de sentido geradoras das negociações e, por conseguinte, do exercício de generosidade das pessoas envolvidas na tradução, a grande massa literária do texto e sua forma traduzida deslizou quase que uniformemente e sem grandes divergências, mesmo sendo realizada paralelamente por diferentes mãos.

A tarefa de relacionar a tradução do conto de Quiroga com um arcabouço teórico que incluiu discussões fomentadas a partir da leitura de "O dedão do pé"⁴, de Georges Bataille, e de filmes como *Os anões também começaram pequenos*⁵ (1970), do cineasta alemão Werner Herzog, ajudou-nos no percurso interpretativo. Dessa forma, e pensando em Bataille, elencamos duas possibilidades. A primeira foi a ideia de que a tradução, em comparação ao texto fonte, é imperfeita, disforme e, portanto, tão abjeta quanto a noção simbólica do pé – em "Le gros orteil", Bataille afirma que "O pé humano é comumente submetido a suplícios grotescos que o tornam disforme e raquítico. É imbecilmente condenado aos calos, aos esporões, aos joanetes" (BATAILLE, 2018, p. 120). E a segunda, o fato de que o autor uruguaio nos coloca diante daquilo que, metaforicamente, podemos também chamar de 'o dedão do pé'⁶. Porque em "A galinha degolada" não há possibilidade de desvio do que de grotesco e tortuoso, ainda que real e sempre presente, há no ser humano: a negação da falta, da responsabilidade sobre a imperfeição do que se gera; a competição matrimonial pelo poder, ainda que na sua microesfera cotidiana; o desprezo pelos filhos imperfeitos; a desigualdade do afeto dos pais

por sua prole. O que também nos remete ao cenário do filme de Herzog, *Os anões também começaram pequenos*, no qual somos impedidos, por 96 minutos, de desviar o olhar do diferente, ficando imersos em um ambiente de figuras que constituem exceção da forma humana por tempo suficiente para começar a percebê-las como naturais – tanto quanto a diferença, no conto de Quiroga, entre o tratamento conferido inicialmente pelos pais aos filhos retardados, e àquele dado após o nascimento da filha perfeita.

Quiroga nos mantém de olhos abertos para o que não se quer reconhecer em si mesmo, como faz o ‘Tratamento Ludovico’ na versão cinematográfica de *Laranja Mecânica*⁷ (1971), dirigida por Stanley Kubrick. Se no emblemático filme de Kubrick o condicionamento do protagonista Alex DeLarge se dá junto ao rechaço à *Nona Sinfonia* de Beethoven, o que o autor uruguaio nos propõe é uma relação ambígua com o sentimento imaculado da maternidade. Nesse sentido, e retornando ao texto de Agamben (2007), Quiroga é também um profanador, que retira do altar o justo e perfeito amor dos pais por seus filhos.

Traduzir a galinha degolada e esquartejada para servi-la assim, na bandeja da ambiguidade, com pitadas de grotesco e num ritual profanador, foi a tarefa a que nos dispusemos. Bom apetite para todos nós!

As tradutoras e tradutores

A galinha degolada

Horácio Quiroga

Ficavam o dia inteiro sentados, em um banco no quintal, os quatro filhos retardados do casal Mazzini-Ferraz. Tinham a língua entre os lábios, os olhos abobalhados e ficavam balançando a cabeça com a boca aberta.

O quintal era de terra batida, fechado a oeste por um muro de tijolos. O banco ficava paralelo ao muro, a uns cinco metros, e ali eles mantinham-se imóveis, com os olhos fixos nos tijolos. Como o sol se escondia atrás do muro, para os retardados sua despedida era uma festa. Inicialmente a luz ofuscante chamava a atenção deles, pouco a pouco seus olhos se animavam e por fim, riam ruidosamente, congestionados pela mesma hilaridade ansiosa, contemplando o sol com alegria bestial, como se fosse comida.

Outras vezes, alienados no banco, zumbiam horas inteiras imitando o bonde. Os ruídos fortes sacudiam também sua inércia e então eles corriam, mordendo a língua e grunhindo, ao redor do quintal. Mas quase sempre estavam apagados na sombria letargia do retardo, e passavam o dia todo sentados em seu banco, com as pernas suspensas e quietas, empapando as calças com a saliva pegajosa.

O mais velho tinha doze anos e o mais novo, oito. Em seu aspecto sujo e desleixado, notava-se a absoluta falta do cuidado maternal mínimo.

Esses quatro retardados, no entanto, haviam sido, um dia, o encanto de seus pais. Aos três meses de casados, Mazzini e Berta guiaram seu íntimo amor de marido e mulher, e mulher e marido, a um futuro muito mais vital: um filho. Que alegria maior para dois apaixonados que essa honrosa consagração de seu

carinho, libertado do vil egoísmo de um amor mútuo sem objetivo algum e, o que é pior para o amor em si, sem esperanças de possível renovação?

Era o que sentiam Mazzini e Berta, e quando o filho chegou, após quatorze meses de casados, acreditaram que a sua felicidade estava completa. A criaturinha cresceu linda e radiante, até um ano e meio. Mas no vigésimo mês, em uma noite, o bebê foi acometido por terríveis convulsões, e na manhã seguinte, ele não reconhecia mais os pais. O médico examinou-o com essa atenção profissional de quem está visivelmente buscando as causas do mal nas enfermidades dos pais.

Depois de alguns dias, os membros paralisados recobram o movimento. Mas a inteligência, a alma, e até mesmo o instinto, desapareceram por completo. Ficara completamente retardado, babão, dependente, morto para sempre sobre os joelhos da mãe.

– Filho, meu filho querido! – soluçava a mãe, sobre aquela espantosa tragédia de seu primogênito.

O pai, desolado, acompanhou o médico até a saída.

– Ao senhor posso dizer: creio que é um caso perdido. Poderá melhorar, educar-se com as limitações de seu retardo. Não mais que isso.

– Sim, sim! – assentia Mazzini – Mas, diga-me: o senhor acredita que é hereditário?

Que...

– Quanto à herança paterna, já lhe disse o que achava quando vi seu filho. Em relação à mãe, ela tem um pulmão debilitado. Não vejo mais nada, mas seu sopro é um pouco ríspido. Faça com que ela seja examinada cuidadosamente.

Com a alma destroçada de remorso, Mazzini redobrou o amor ao seu filho, o pequeno retardado que pagava pelos excessos do avô. Ainda teve que consolar, amparar sem trégua à Berta, profundamente ferida por aquele fracasso de sua jovem maternidade.

Como é natural, o casal pôs todo o seu amor na esperança de outro filho. E este nasceu; e sua saúde e seu sorriso radiante reacenderam um futuro apagado. Mas aos dezoito meses, as mesmas convulsões do primogênito se repetiram, e, no dia seguinte, amanhecia retardado.

Desta vez, os pais caíram em profundo desespero. Então seu sangue e seu amor estavam amaldiçoados! Seu amor, sobretudo! Ele, vinte e oito anos; ela, vinte e dois. E com toda a sua apaixonada ternura não conseguiam criar um átomo de vida normal. Já não pediam mais por beleza e inteligência, como no primogênito, apenas um filho, um filho como todos!

Do novo desastre acenderam-se novas chamas no dolorido amor, um anseio louco de redimir, de uma vez por todas, a santidade de sua ternura. Vieram gêmeos e, passo a passo, repetiu-se o processo dos mais velhos.

Mas apesar de sua imensa amargura, restava em Mazzini e Berta uma grande compaixão por seus filhos. Foi preciso arrancar, do limbo da mais funda animalidade, não suas almas, senão o próprio instinto abolido. Eles não sabiam deglutir, mudar de lugar, nem mesmo sentar-se. Por fim, aprenderam a caminhar, mas em tudo esbarravam por não perceberem os obstáculos. Quando eram banhados, berravam até a face injetar-se de sangue. Animavam-se apenas quando comiam, ou viam cores brilhantes ou ouviam trovões. Então riam, botando fora a língua e rios de baba, radiantes de frenesi bestial. Tinham, por outro lado, certa capacidade imitativa; mas não se pôde obter nada além disso.

Com os gêmeos parecia completa a aterradora descendência. Porém, passados três anos, desejaram ardentemente outro filho, confiando que o longo tempo transcorrido teria aplacado a fatalidade.

As esperanças não se cumpriam. E nesse ardente desejo que se exasperava, em razão de sua infrutuosidade azedaram-se. Até esse momento, cada qual havia tomado para si a parte que lhe correspondia na miséria de seus

filhos; mas a desesperança de redenção diante das quatro criaturas que haviam nascido deles trouxe à tona essa impetuosa necessidade de culpar os outros, que é patrimônio específico dos corações mesquinhos.

Começaram por trocar o pronome: teus filhos. E como, além do insulto, havia insídia, o ar ficava pesado.

– Eu acho – lhe disse uma noite Mazzini, que acabava de entrar e lavava as mãos – que poderia deixar mais limpos os meninos.

Berta continuou lendo como se não tivesse escutado.

– É a primeira vez – respondeu em seguida – que eu te vejo se incomodar com o estado dos teus filhos.

Mazzini, voltou um pouco o rosto para ela com um sorriso forçado:

– Dos nossos filhos, é isso?

– Bom; dos nossos filhos. Melhor assim? – ela ergueu o olhar. Desta vez Mazzini se expressou claramente:

– Acho que não vais dizer que eu tenho a culpa, vais?

– Ah, não! – sorriu Berta, sem graça – mas eu também não tenho, imagino...! Era só o que me faltava...! Murmurou.

– Só o que te faltava?

– Se alguém tem culpa, não sou eu, entenda! Isso é o que eu quis te dizer. Seu marido a olhou um momento, com brutal desejo de insultá-la.

– Não importa! – conciliou, secando por fim as mãos.

– Como quiser; mas se disse...

– Berta!

– Como quiser!

Este foi o primeiro confronto sucedido por outros. Mas nas inevitáveis reconciliações, suas almas se uniam com o dobro de euforia e anseio por outro filho.

Nasceu assim uma menina. Viveram por dois anos com a angústia à flor da pele, esperando sempre um novo desastre. Nada aconteceu, porém, e os pais colocaram nela toda a sua felicidade, que a pequena levava ao mais extremo limite entre mimo e má criação.

Se ainda nos últimos tempos Berta cuidava sempre de seus filhos, ao nascer Bertinha, esqueceu-se quase completamente dos outros. Só de lembrar aterrorizava-se, como se fosse algo cruel que a houvessem obrigado a cometer. Com Mazzini, com menor intensidade, acontecia o mesmo. Mas nem por isso a paz havia chegado para as suas almas. O menor sinal de indisposição da filha trazia à tona, com o terror de perdê-la, os rancores de sua descendência apodrecida. Haviam acumulado fel por tempo de sobra, e um simples contato era a como a última gota que fazia transbordar do copo o veneno. Desde o primeiro peçonhento rancor, tinham perdido o respeito um pelo outro; e se tem algo no qual o homem sente um cruel prazer é quando começa a humilhar uma pessoa. Antes se continham pela mútua falta de êxito; agora que este havia chegado, cada um atribuía-o a si mesmo, sentindo cada vez maior o fardo das quatro aberrações que um forçava o outro a criar.

Com esses sentimentos, já não havia possibilidade de afeto para os quatro filhos mais velhos. A empregada os vestia, dava-lhes de comer, colocava-os para dormir, com visível brutalidade. Não os lavava quase nunca. Passavam todo o dia sentados em frente ao muro, abandonados de todo e qualquer carinho.

De todos os modos Bertinha completou quatro anos, e naquela noite, resultado das guloseimas que os pais eram absolutamente incapazes de negar, a criança teve alguns calafrios e febre. E o temor de vê-la morrer ou ficar retardada voltou a abrir a eterna ferida.

Fazia três horas que não falavam, e o motivo foi, como quase sempre, os fortes passos de Mazzini.

– Meu deus! Tu não podes caminhar mais devagar? Quantas vezes...?

– Bem, é que me esqueço; Pronto, acabou! Não faço de propósito. Ela sorriu, com desdém:

– Não, eu não acredito em ti!

– Nem eu, jamais deveria ter acreditado em ti. Tuberculosa!

– Quê! O que dissestes?

– Nada!

– Sim, eu ouvi algo! Olha: não sei o que dissestes; mas eu juro que prefiro qualquer coisa a ter um pai como o que tivestes!

Mazzini ficou pálido.

– Finalmente! – murmurou com os dentes cerrados – Finalmente, víbora, falaste o que querias!

– Sim, sou uma víbora, sim! Mas eu tive pais sãos, ouviu? Sãos! Meu pai não morreu de demência! Eu teria tido filhos como os de todo mundo! Esses são os teus filhos, os quatro são teus!

Mazzini explodiu de vez:

– Víbora tuberculosa! Foi isso o que eu disse, é isso o que eu quero te dizer! Pergunte! Pergunte ao médico quem tem a maior culpa da meningite dos teus filhos: meu pai ou o teu pulmão doente, sua víbora!

Continuaram cada vez com mais violência até que um gemido de Bertinha fechou instantaneamente suas bocas. A uma da manhã a leve indigestão havia desaparecido, e como acontece fatalmente com todos os casamentos jovens que se amaram intensamente pelo menos uma vez, veio a reconciliação, bem mais calorosa do que haviam sido as ofensas.

Amanheceu um dia esplêndido, e enquanto se levantava, Berta cuspiu sangue. As emoções e a péssima noite anterior eram, sem dúvida, as grandes culpadas. Mazzini a manteve abraçada por um longo tempo, e ela chorou desesperadamente, mas sem que nenhum dos dois dissesse uma palavra.

Às dez, decidiram que sairiam depois de comer. Como quase não tinham tempo, ordenaram que a empregada matasse uma galinha.

O dia radiante tinha arrancado os retardados do banco. De modo que enquanto a empregada degolava o animal na cozinha, dessangrando a ave com calma (Berta havia aprendido com sua mãe esse ótimo modo de conservar o frescor da carne), a empregada acreditou sentir algo como uma respiração atrás dela. Virou-se, e viu aos quatro retardados, com os ombros grudados um no outro, olhando estupefatos a operação... Vermelho... vermelho...

– Senhora! Os meninos estão aqui na cozinha.

Berta chegou; não queria que eles pisassem ali. Menos ainda nessa hora de pleno perdão, esquecimento e felicidade reconquistada, queria evitar essa visão horrível! Porque, naturalmente, quanto mais intensos eram os momentos de amor com seu marido e filha, mais irritado era seu humor com os monstros.

– Que saiam, Maria! Tire-os para fora! Tire-os para fora, estou dizendo!

As quatro pobres bestas, chacoalhadas, brutalmente empurradas, foram parar no seu banco.

Depois do almoço, todos saíram. A empregada foi para Buenos Aires e o casal a passear pelas redondezas. Ao pôr do sol, eles voltaram; mas Berta quis cumprimentar seus vizinhos da frente, por um momento. Rapidamente, sua filha voltou para a casa.

No entanto, os retardados não tinham se mexido do banco o dia todo. O sol já havia transposto o muro, começava a escurecer, e eles continuavam olhando os tijolos, mais inertes do que nunca.

De repente, algo se colocou entre sua visão e o muro. Sua irmã, cansada de cinco horas com os pais, queria observar por conta própria. Parada ao pé do muro, olhava para o topo, pensativa. Ela queria subir, sem dúvida nenhuma. Finalmente decidiu-se por uma cadeira com um buraco no assento, mas ainda faltava algo. Recorreu, então, a um caixote de querosene, e seu instinto

topográfico fez com que colocasse o móvel na vertical, e graças a isso triunfou.

Os quatro retardados, com o olhar indiferente, viram como sua irmã conseguia pacientemente dominar o equilíbrio, e como, na ponta dos pés, apoiava a garganta sobre o topo do muro, entre suas mãos contraídas. Viram-na olhar para todos os lados, procurando apoio com o pé para subir mais um pouco.

Mas o olhar dos retardados se animou; a mesma luz insistente estava fixada em suas pupilas. Não tiraram os olhos de sua irmã, enquanto a crescente sensação de gula animal ia mudando as linhas de expressão dos seus rostos. Lentamente avançaram em direção ao muro. A pequena, que tendo conseguido encaixar o pé, ia já montar e, com certeza, pular para o outro lado, sentiu que alguém segurava sua perna. Debaixo dela, os oito olhos cravados nos seus deram medo.

– Me solta! Me deixa! – Gritou sacudindo a perna. Mas foi puxada.

– Mamãe! Ah, mamãe! Mamãe, papai! – chorou imperativamente. Tentou ainda se segurar na borda, mas se sentiu arrancada e caiu.

– Mamãe! Ah! Ma... – não conseguiu gritar mais. Um deles lhe apertou o pescoço, afastando os cachos como se fossem penas, e os outros a arrastaram por uma perna só até a cozinha, onde naquela manhã havia sido dessangrada a galinha, bem amarrada, arrancando-lhe a vida segundo a segundo.

Mazzini, na casa em frente, acreditou ouvir a voz da filha.

– Eu acho que está lhe chamando – disse Berta.

Prestaram atenção, inquietos, mas não ouviram mais nada. No entanto, um momento depois, se despediram, e enquanto Berta ia deixar seu chapéu, Mazzini avançou no quintal.

– Bertinha!

Ninguém respondeu.

– Bertinha! – levantou mais a voz, já alterada.

E o silêncio foi tão fúnebre para o seu coração sempre apavorado, que sentiu um frio na espinha com um horrível pressentimento.

– Minha filha, minha filha! – correu desesperadamente em direção aos fundos. Mas ao passar em frente à cozinha viu no piso um mar de sangue. Empurrou violentamente a porta entreaberta, e lançou um grito de horror.

Berta, que já havia começado a correr quando ouviu o chamado angustiado do pai, ouviu o grito e respondeu com outro. Mas ao se dirigir a cozinha, Mazzini, lívido como a morte, se interpôs, segurando-a:

– Não entre! Não entre!

Berta conseguiu ver o piso inundado de sangue. Só pôde jogar suas mãos sobre a cabeça e desabou em seu marido com um suspiro rouco.

[1] Para esta tradução, usamos como referência o texto da Biblioteca Digital Ciudad Seva, recolhido do livro *Cuentos de amor, de locura y de muerte*, de Horacio Quiroga, publicado em 1917. Disponível em: <https://ciudadseva.com/texto/la-gallina-degollada/>.

[2] GÁLVEZ, Manuel. *Amigos y maestros de mi juventud*. Buenos Aires: Hachette, 1961, p. 213.

[3] AGAMBEN, Giorgio, 1942- *Profanações* / Giorgio Agamben; tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

[4] No original, "Le gros orteil", texto publicado em 1929, no número 6 de *Documents*. A tradução para o português encontra-se em: BATAILLE, G. *Documents: George Bataille*. Tradução de João Camilo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018, p. 119-125.

[5] Título original: *Auch Zwerge Haben Klein Angefangen*.

[6] Nos termos de Bataille que, ao final do texto "O dedão do pé", afirma: "No caso do dedão do pé, o fetichismo clássico do pé levando a lamber os dedos indica categoricamente que se trata de baixa sedução, o que dá conta de um valor burlesco sempre mais ou menos ligado aos prazeres reprovados por aqueles homens cujo espírito é puro e superficial. (...) Um retorno à realidade não implica nenhuma aceitação nova, mas quer dizer que somos seduzidos baixamente, sem transposição e até gritarmos, esbugalhando os olhos: esbugalhando-os assim diante do dedão do pé" (BATAILLE, 2018, p. 125).

[7] O romance *Laranja Mecânica*, do escritor britânico Anthony Burgess (1917-1993), foi publicado em 1962.

A Loteria

Shirley Jackson



Apresentação e Tradução por:

Alison Silveira Moraes

André Luiz Cohn da Silveira

Fabício Leal Cogo

Kátia Barros de Macedo

Lauro Luis Souza de Henrique

Natália Elisa Lorensetti Pastore

Ilustração:
Alison Silveira Moraes



Sacrifício e Shirley Jackson

Do Latim, *Sacrificium*, traduzindo-se "ofício sagrado", o sacrifício normalmente é associado nas infinitas culturas ao divino. Algo, ou alguém, é levado para servir de oferenda a uma divindade no objetivo de obter perdão, agradecer uma dádiva, solicitar algo a uma força fora do campo humano. Assim, ao longo dos séculos, perpetuaram-se essas tradições em alguns povos como uma marca de identidade cultural, comprovando sua força e importância.

É fundamental não pensar isoladamente, mas vislumbrar a relação entre religião e sacrifício dentro de diversas civilizações. Nas palavras do autor Georges Bataille¹ (2018, p. 199), já é perceptível esta presença histórica do sacrifício para os deuses e, principalmente, a ferocidade da representação de sua imagem. Deste modo, para a ideia de perpetuação da felicidade ou uma fuga da desgraça, o ritual leva o ser humano às mais profundas manifestações de suas crenças, nas quais ele se vê impelido a tomar decisões complexas.

Na literatura, uma analogia com tal panorama é bastante intrigante. Uma autora que explorou essas manifestações culturais foi Shirley Jackson (1916-1965), escritora norte americana que produziu diversas obras enfatizando, essencialmente, elementos de horror. A escritora, nas palavras do pesquisador Gustavo Vargas Cohen² (2011), corrobora para lançar uma voz na modernidade de elementos góticos. Seu estilo trabalha criando panoramas, não de pura violência, mas sim dentro do âmbito do psicológico, realçando as angústias que migraram do passado até a modernidade.

No conto *The Lottery*, (aqui traduzido por A Loteria), a autora faz uma forte crítica sobre tradição, criando um diálogo com o elemento do sacrifício e o alento do gótico. A autora inicia o texto com um retrato de tranquilidade de um povoado, cita o dia ensolarado, a grama verde e, finalmente, apresenta que de tempos em tempos é realizada uma loteria, um tipo de sorteio entre os habitantes da vila. O sorteio faz uso de uma caixa preta, descrita como sendo remanescente de muitos outros sorteios, e, neste momento, começa a idealização de um espaço labiríntico e perigoso.

Ao dialogar com Bataille (2018, p. 166), é notório algo muito importante dentro da construção do horror arquitetado pela autora: o espaço, que, relacionado à literatura, torna-se um local limítrofe entre sagrado e profano. Após exemplificar o estado da caixa, acontece uma ruptura na parte inicial do texto: a luz do sol e a grama verde dão lugar a uma descrição de uma caixa escura e manchada.

Shirley Jackson cria uma forte tensão psicológica, na qual o espaço e o *outro* dão vida a um ambiente angustiante e misterioso. O horror brota não somente nas descrições, mas entre o drama do sorteio e a reação dos membros da comunidade. No momento que os habitantes começam a se reunir e construírem pilhas de pedra, já se tem o indicativo de algo maligno despontando. Os gritos de injustiça lançados da “premiada” criam uma reflexão que vai ao mais fundo aspecto da tradição, dialogando com os limites entre racional e irracional.

Este contato com os textos de Shirley Jackson permite questionar as tradições do passado. Mais que isso, colabora para refletir sobre as decisões e reações que acontecem sob a forte pressão social em certos espaços. Tais análises levam a acreditar no horror ainda pairando na sociedade e a reexaminar o quanto algumas tradições e crenças afetam o presente de modo perturbador.

Para a tradução a seguir, de modo a explicitar que a loteria se trata de um

importante evento, a mesma foi grafada com a primeira letra maiúscula em todas as suas ocorrências. Também buscou-se manter traços característicos do texto em inglês, como as frases curtas e a repetição dos pronomes de tratamento “Sr. e Sr.^a”, utilizando da abreviatura, como feito na grafia do português-brasileiro, de modo a ressaltar o respeito por determinada pessoa.

Algumas modificações no estilo textual foram realizadas, como a troca de aspas por travessão para indicar fala, além de questões de grafia, cujas escolhas foram tomadas pensando na aproximação entre leitor e texto. Uma delas foi a grafia do sobrenome *Delacroix*, quando há a explicação de como o pronunciar. Na tradução, o mesmo foi escrito com o acréscimo de acentos gráficos, indicando a entonação na pronúncia.

Outro momento em que a grafia de um termo foi alterada se deu na fala da personagem Tessie, que é marcada oralmente na sentença “Wouldn’t have me leave *m’dishes* in the sink, now, would you. Joe?”. Buscando uma escolha que não apagasse tal grafia, optou-se por não fazer a concordância do substantivo “louça”, além de grafá-lo similarmente à maneira como pode ser oralizada, resultando em “Você não ia querer que eu deixasse minhas *loça* sujas na pia não é Joe?”.

Outra decisão foi a mudança dos nomes. Após extensa pesquisa sobre cada sobrenome apresentado, o objetivo foi escolher sobrenomes que respeitassem três critérios básicos: a ordem alfabética, uma vez que a chamada, no conto, é feita deste modo; nomes e sobrenomes que fossem comuns no Brasil; e significados semelhantes aos da língua inglesa. Deste modo, alguns exemplos como Adams (Aguiar), Allen (Almeida) e Overdyke (Oliveira), famílias coadjuvantes, foram escolhas voltadas à ordem alfabética, enquanto outros sobrenomes foram focados nos significados que enriquecem a narrativa. Pode-se citar Summers, traduzido para Venâncio, que vem do latim *venari* - “caçar”; Dunbar, que quer dizer “fortaleza” ou “forte alto”, traduzido por

Rocha, que significa "homem forte", "homem estável"; e os Hutchinsons que foram traduzidos por Fortunato, de forma a complementar a tensão da família no jogo de sorte ou azar em relação ao "prêmio" da loteria. A busca pelos primeiros nomes também é interessante, uma vez que, por aparecerem com menos frequência, se afixaram ao caráter de nomes comuns no Brasil, como Bill (Bruno), Joe (Zé), Clyde (Euclides), Tessie (Taís) e Baxter (Bento).

De modo geral, a tradução buscou manter o aspecto de crítica e reflexão trazidos pela autora, cuja pertinência de discussão se faz imprescindível em todas as épocas, de modo a instigar incômodo e reflexão no leitor, assim como o fez Shirley Jackson. Desejamos uma boa leitura e uma boa reflexão quanto à necessidade de tradições minimamente questionadas.

As tradutoras e os tradutores

A Loteria

Shirley Jackson

A manhã do dia 27 de junho estava clara e ensolarada, com a quente brisa de um dia de verão. As flores desabrochavam em abundância e a grama era verde vivo. Os habitantes do vilarejo começaram a se reunir na praça, entre o correio e o banco, por volta das dez horas da manhã. Em algumas cidades haviam tantas pessoas que a Loteria levava dois dias e precisava começar no dia 26 de Junho. Mas nesse vilarejo, onde viviam somente cerca de trezentas pessoas, toda a Loteria durava menos de duas horas, então poderia começar às dez horas da manhã e ainda daria tempo de as pessoas irem para casa almoçar.

As crianças se reuniram primeiro, claro. A escola estava fechada para as férias de verão e a sensação de liberdade era latente na maioria delas. Se reuniram em silêncio, para logo em seguida irromperem em brincadeiras e algazarra. O assunto ainda era sobre as aulas e os professores, os livros e as broncas. Bernardo Martin já havia enchido seus bolsos com pedras e os demais garotos seguiram seu exemplo, escolhendo as mais lisas e redondas. Bobby, Haroldo Jacinto e Derick Da Cruz (os habitantes pronunciavam “De Cruz”), fizeram uma pilha enorme de pedras em um dos cantos da praça e a vigiaram contra as investidas dos outros garotos. As meninas mantiveram-se distantes, conversando entre si, espiando por cima de seus ombros enquanto uns rolavam na poeira e outros seguravam a mão de seus irmãos ou irmãs mais velhas.

Logo os homens começaram a se reunir, procurando seus filhos, conversando sobre o plantio e a chuva, tratores e impostos. Permaneceram juntos, longe da pilha de pedras no canto, cochichando piadas e sorrindo ao

invés de rindo. As mulheres, vestindo roupas de casa e suéteres, chegaram logo após seus homens. Elas cumprimentaram umas às outras e fofocaram um pouco enquanto se juntavam a seus maridos. Assim, ao lado deles, começaram a chamar suas crianças, que vieram relutantes, tendo sido chamadas quatro ou cinco vezes. Bobby Martin passou correndo por baixo da mão de sua mãe, rindo, de volta à pilha de pedras. Seu pai então o chamou em tom áspero, e Bernardo voltou rapidamente ao seu lugar, entre o pai e seu irmão mais velho.

O encarregado da Loteria, assim como das quadrilhas tradicionais, do grupo de jovens e do Halloween, era o Sr. Venâncio. Quem tinha tempo e energia para se dedicar às atividades cívicas? Era um homem jovial de rosto redondo, dirigia uma empresa de carvão e as pessoas sentiam muita pena dele, porque não tinha filhos e sua esposa era ranzinza. Quando chegou à praça, carregando a caixa preta de madeira, havia um murmurinho de conversa entre as pessoas. Ele acenou e disse:

– Um pouco atrasado hoje, pessoal.

O chefe dos correios, Sr. Covas, o seguia carregando um banquinho de três pernas que foi colocado no centro da praça para que o Sr. Venâncio posicionasse a caixa em cima. Os habitantes mantiveram distância, deixando um espaço entre eles e o banquinho. E quando Sr. Venâncio disse:

– Algum camarada poderia me dar uma mão?

Houve hesitação entre dois homens. O Sr. Martin e seu filho mais velho, Bento, seguiram até a caixa para segurá-la, enquanto o Sr. Venâncio remexia os papéis dentro dela.

A parafernália original da Loteria fora perdida há muito tempo e a caixa preta que repousava sobre o banquinho já era utilizada muito antes do Velho Vicente, o homem mais velho da cidade, ter nascido. O Sr. Venâncio falava frequentemente com os habitantes sobre fazer uma nova caixa, mas ninguém queria interferir na tradição que ela representava. Circulava uma história que a

caixa atual fora construída com pedaços de madeira daquela que a precedera, aquela que fora construída quando as primeiras pessoas chegaram para criar aquele vilarejo. Todo ano, depois da Loteria, o Sr. Venâncio voltava a falar sobre uma nova caixa, mas todo ano o assunto acabava morrendo sem que ninguém fizesse nada. A caixa ficava mais danificada a cada ano, agora nem era completamente preta, mas bastante lascada dos lados, mostrando a cor original da madeira, e em alguns lugares puída ou manchada.

O Sr. Martin e seu filho mais velho, Bento, seguraram firme a caixa preta até que o Sr. Venâncio terminasse de misturar os papéis com as mãos. E já que grande parte do ritual havia sido esquecido ou descartado, o Sr. Venâncio conseguira, com sucesso, substituir os pedaços de madeira, usados durante gerações, por tiras de papel. O Sr. Venâncio argumentava que os pedaços de madeira já foram um dia muito bons, quando o vilarejo era pequeno, mas agora que a população era de mais de trezentos habitantes, e tendendo a continuar crescendo, era preciso utilizar algo que melhor coubesse na caixa preta. Na noite anterior à Loteria, o Sr. Venâncio e o Sr. Covas confeccionaram as tiras de papel e as colocaram na caixa, então ela foi levada para o cofre da empresa de carvão do Sr. Venâncio, e lá ficou trancada até que ele estivesse pronto para levá-la até a praça na manhã seguinte. No restante do ano, a caixa ficava guardada, às vezes em um lugar, às vezes em outro. Ficou um ano guardada no celeiro do Sr. Covas, no ano seguinte, no chão dos correios. E às vezes era colocada em uma prateleira na mercearia do Martin e esquecida lá.

Havia ainda uma certa agitação até que o Sr. Venâncio declarou aberta a Loteria. Havia listas a serem feitas, com os chefes de família, chefes de cada família por casa, e todos os membros de cada família. Houve também o juramento do Sr. Venâncio ao chefe dos correios, enquanto oficial da Loteria. No passado, como algumas pessoas lembravam, acontecia uma espécie de recital, executado pelo oficial da Loteria, um entediante e desafinado canto que

fora recitado depressa, oportunamente, a cada ano. Algumas pessoas acreditavam que o oficial da Loteria recitava ou cantava parado em pé, outros acreditavam que, supostamente, ele deveria caminhar entre as pessoas, mas tantos e tantos anos se passaram que esta parte do ritual também ficou para trás. Além disso, havia também um ritual de cumprimento que deveria ser usado pelo oficial para cada pessoa que se dirigisse até a caixa para o sorteio, mas isso também mudara ao longo do tempo. Agora somente falar com as pessoas que se aproximavam era o suficiente. O Sr. Venâncio era muito bom nisso, com sua camisa branca, calça jeans azul e uma das mãos apoiadas na caixa preta. Ele parecia muito respeitável e importante ao conversar incessantemente com Sr. Covas e os Martins.

Assim que o Sr. Venâncio finalmente parou de falar e se virou para os habitantes ali reunidos, a Sr^a. Fortunato veio rapidamente pela rua até a praça, seu suéter jogado sobre os ombros, e deslizou até um local ao fundo da multidão.

– Esqueci completamente que dia era hoje – disse ela à Sr^a. Da Cruz, que estava ao seu lado, e ambas riram baixinho - Pensei que meu velho tivesse saído para empilhar lenha retomou a Sr^a. Fortunato – Então olhei pela janela e percebi que as crianças tinham sumido, aí lembrei que era dia 27 e vim correndo para cá.

Ela enxugou as mãos em seu avental e a Sr^a. Da Cruz disse:

– Você chegou a tempo. Eles ainda estão conversando por lá.

A Sr^a. Fortunato esticou seu pescoço para enxergar por entre a multidão e avistou seus filhos e seu marido em pé, mais à frente. Cutucou o braço da Sr^a. Da Cruz para se despedir e começou a andar entre as pessoas. Todos abriram caminho gentilmente para que ela passasse. Duas ou três pessoas disseram em voz alta, o suficiente para serem ouvidas através da multidão, “Aí vai a sua amada Fortunato” e “Bruno, no final das contas ela conseguiu”. A Sr^a.

Fortunato alcançou seu marido, e o Sr. Venâncio, que estivera aguardando, disse alegremente:

– Pensei que teríamos que começar sem você, Taís. A Sr^a. Fortunato então disse ironicamente:

– Você não ia querer que eu deixasse minhas *loça* sujas na pia não é, Zé?

E uma risada baixa atravessou a multidão enquanto se organizavam de volta a seus lugares após a chegada da Sr^a. Fortunato.

– Pois bem – falou o Sr. Venâncio em tom sério –, acho melhor começarmos logo e acabar com isso para que possamos voltar ao trabalho. Falta alguém aqui?

– Rocha – várias pessoas responderam – Rocha, Rocha – O Sr. Venâncio consultou sua lista.

– Euclides Rocha – ele disse – verdade, ele quebrou a perna, não é? Quem irá sortear por ele?

– Eu. Eu acho – respondeu uma mulher. Então o Sr. Venâncio virou-se para observá-la.

– Esposa sorteando pelo marido – disse – Você não tem um garoto crescido para fazer isso por você, Jane?

Embora tanto o Sr. Venâncio quanto todos do vilarejo soubessem a resposta para essa pergunta, era dever do oficial da Loteria fazê-la formalmente. O Sr. Venâncio aguardou com uma expressão de polido interesse enquanto a Sr^a. Rocha respondia.

– Horácio mal completou 16 anos – disse a Sr^a. Rocha pesarosa – acho que vou precisar substituir meu velho este ano.

– Certo – disse o Sr. Venâncio. Fez anotações na lista que estava segurando.

– Então perguntou:

– O garoto dos Walter irá sortear este ano? Um rapaz alto na multidão

levantou a mão.

– Aqui! – ele disse – Vou sortear pela minha mãe e por mim – ele piscou, nervoso, e abaixou a cabeça enquanto muitas vozes na multidão diziam coisas como “Bom garoto, João!” e “Muito bom ver que sua mãe tem um homem para fazer isso”.

– Então – disse o Sr. Venâncio –, acredito que todos estejam aqui. O velho Vicente conseguiu chegar?

– Aqui! – uma voz falou. E o Sr. Venâncio acenou com a cabeça.

Um silêncio repentino tomou conta quando o Sr. Venâncio pigarreou e olhou para a lista.

– Todos prontos? – disse – Agora vou ler os nomes. Primeiro, os chefes de família, que os homens venham até aqui e peguem um papel de dentro da caixa. O mantenham dobrado em suas mãos, sem olhar, até que todos tenham tido sua vez. Fui claro?

As pessoas haviam feito isso tantas vezes que já não prestavam muita atenção às orientações. A maioria estava quieta, umedecendo os lábios. Não olhavam ao redor. Então, o Sr. Venâncio ergueu uma mão e disse:

– Aguiar.

Um homem se desvencilhou da multidão e se aproximou.

– Oi, Esteves – disse o Sr. Aguiar.

– Oi, Zé.

Sorriram um para o outro de modo humorado e nervoso. Em seguida o Sr. Aguiar colocou a mão dentro da caixa preta e retirou um papel dobrado. Segurou em um canto de maneira firme enquanto se virava e voltava apressadamente para o seu lugar na multidão, encontrando-se um pouco longe de sua família. Não olhava para sua mão.

– Almeida – disse o Sr. Venâncio – Anderson... Barros.

– Parece não haver mais tempo nenhum entre as Loterias – disse a Sr^a.

Da Cruz para a Sr^a. Covas na fileira do fundo – parece que fizemos a última ainda na semana passada.

– O tempo com certeza passa rápido – disse a Sr^a. Covas.

– Clóvis... Da Cruz.

– Lá se vai meu velho – disse a Sr^a. Da Cruz. Segurou sua respiração enquanto seu marido prosseguia.

– Rocha – disse o Sr. Venâncio, e a Sr^a. Rocha se dirigiu firmemente até a caixa enquanto uma das mulheres falava “Continue, Jane,” e uma outra disse “Lá vai ela.”

– Somos os próximos – disse a Sr^a. Covas. Ela assistia enquanto o Sr. Covas contornou a caixa, cumprimentou o Sr. Venâncio solenemente, e selecionou um papel da caixa. Neste momento, por toda a multidão havia homens segurando pequenos papéis dobrados em suas grandes mãos. Girando o papel de maneira nervosa, a Sr^a. Rocha e seus dois filhos ficaram juntos, a Sr^a. Rocha segurando o pedaço de papel.

– Honório... Fortunato.

– Vai lá, Bruno – disse a Sr^a. Fortunato. E as pessoas ao seu redor riram.

– Jacinto.

– Eles dizem – disse o Sr. Aguiar para o Velho Vicente, que estava ao seu lado – que na vila do norte eles estão desistindo da Loteria.

O Velho Vicente bufou.

– Bando de tolos malucos – disse – Dando ouvidos para os jovens. Nada é bom o suficiente para eles. Daqui a pouco eles vão querer voltar a viver em cavernas, ninguém trabalhando mais, vivendo assim por um tempo. Tinha um ditado ‘Loteria feita garante a colheita.’ Logo todos nós estaríamos comendo morrião-de-passarinho cozido e bolotas. Sempre existiu uma Loteria – adicionou petulantemente – É ruim o suficiente ver o jovem Zé Venâncio lá em cima zombando de todo mundo.

– Alguns lugares já pararam com as Loterias – disse o Sr. Aguiar.

– Nada além de problemas nisso – disse o Velho Vicente estoicamente – bando de jovens tolos.

– Martin – E Bernardo Martin assistiu seu pai se apresentar.

– Oliveira... Paes.

– Espero que se apressem – disse a Sr^a. Rocha para seu filho mais velho

– Espero que se apressem.

– Estão quase terminando – disse seu filho.

– Você se prepare para correr para contar ao seu Pai – disse a Sr^a. Rocha.

O Sr. Venâncio chamou seu próprio nome e então deu um passo preciso à frente e selecionou um papel da caixa. Em seguida chamou:

– Vicente.

– Septuagésimo sétimo ano que venho para a Loteria – disse o Velho Vicente enquanto andava através da multidão – Septuagésima sétima vez.

– Walter – O garoto alto caminhou desconfortável pela multidão. Alguém disse, “Não fique nervoso, João,” e o Sr. Venâncio disse:

– Tome seu tempo, filho... Zanini.

Depois houve uma longa pausa, uma pausa sem ar, até que o Sr. Venâncio, que segurava seu pedaço de papel no ar, disse:

– Certo, camaradas.

Por um minuto, ninguém se moveu, e então todos os pedaços de papel foram abertos. Subitamente todas as mulheres começaram a falar de uma vez só, dizendo “Quem é?”, “Quem pegou?”, “Foram os Rocha?”, “Foram os Walter?”. Então as vozes começaram a dizer, “Foi o Fortunato. Foi o Bruno.” “Bruno Fortunato pegou.”

– Vá dizer ao seu pai. – disse a Sr^a. Rocha para seu filho mais velho.

As pessoas começaram a olhar ao redor para ver os Fortunato. Bruno Fortunato estava parado, quieto, fitando o papel em sua mão. De repente, Taís

Fortunato gritou para o Sr. Venâncio.

– Você não deu tempo o suficiente para ele pegar o papel que queria. Eu vi. Não foi justo!

– Leve na esportiva, Taís - falou a Sr^a. Da Cruz, e a Sr^a. Covas disse:

– Todos nós tivemos a mesma chance.

– Cala boca, Taís - disse Bruno Fortunato.

– Então, pessoal – disse o Sr. Venâncio –, isso foi bem rápido, e agora teremos que ser um pouco mais rápidos para terminar em tempo.

Ele consultou a outra lista.

– Bruno – ele disse –, você sorteia para a família Fortunato. Você tem alguma outra família na casa?

– Tem o Adão e a Eva – gritou a Sr^a. Fortunato – Faça-os tirar na sorte!

– Filhas sorteiam com a família dos maridos, Taís – o Sr. Venâncio disse gentilmente – Você sabe disso tanto quanto todos aqui.

– Não foi justo – disse Taís.

– Eu acho que não, Zé – disse Bruno Fortunato arrependido –. Minha filha sorteia com a família do marido dela. Isso é justo. E não tenho outra família exceto as crianças.

– Então, em relação a sortear pela família, é você – disse o Sr. Venâncio, explicando – E em relação a sortear pela casa, é você também.

Certo?

– Certo – disse Bruno Fortunato.

– Quantas crianças, Bruno? – perguntou o Sr. Venâncio formalmente.

– Três – disse Bruno Fortunato – O Bruno Jr., e Nanci, e o pequeno Davi. E Taís e eu.

– Ok, então – disse o Sr. Venâncio –. Haroldo, você pegou os papéis deles de volta?

O Sr. Covas confirmou com a cabeça e levantou os pedaços de papel.

– Coloque-os na caixa então – indicou o Sr. Venâncio – Pegue o do Bruno e coloque dentro.

– Acho que deveríamos começar de novo – disse a Sr^a. Fortunato, o mais baixo que pode – Eu digo que não foi justo. Você não deu tempo suficiente para escolher. Todo mundo viu.

O Sr. Covas tinha selecionado cinco pedaços de papel e colocado dentro da caixa. Jogou o resto no chão, que a brisa levantou e levou embora.

– Escutem todos – a Sr^a. Fortunato falava para as pessoas ao seu redor.

– Pronto, Bruno? – perguntou o Sr. Venâncio, e Bruno Fortunato, com um rápido olhar para a esposa e crianças, confirmou.

– Lembrem – disse o Sr. Venâncio –, peguem um papel e mantenham-no dobrado até que cada um tenha pego um. Haroldo, ajude o pequeno Davi.

O Sr. Covas tinha selecionado cinco pedaços de papel e colocado dentro da caixa.

Jogou o resto no chão, que a brisa levantou e levou embora.

– Escutem todos. – a Sr^a. Fortunato falava para as pessoas ao seu redor.

– Pronto, Bruno? – perguntou o Sr. Venâncio, e Bruno Fortunato, com um rápido olhar para a esposa e crianças, confirmou.

– Lembrem – disse o Sr. Venâncio –, peguem um papel e mantenham-no dobrado até que cada um tenha pego um. Haroldo, ajude o pequeno Davi.

O Sr. Covas pegou a mão do pequeno menino, que veio voluntariamente até caixa.

– Pegue um papel da caixa, Davi – disse o Sr. Venâncio. Davi colocou a mão dentro da caixa e riu.

– Pegue só um papel – disse o Sr. Venâncio – Haroldo, segure para ele.

O Sr. Covas pegou o papel dobrado da mão cerrada da criança e o segurou, enquanto Davi ficava perto dele, olhando-o pensativamente.

– Próxima, Nanci – disse o Sr. Venâncio.

Nanci tinha 12 anos e suas colegas da escola respiraram fundo quando ela foi à frente, torcendo a saia, e tirou um papel delicadamente da caixa.

– Bruno Jr. – disse o Sr. Venâncio, e Bruno, com seu rosto vermelho e seus pés enormes, quase derrubou a caixa enquanto tirava um papel.

– Taís – disse o Sr. Venâncio. Ela hesitou por um minuto, olhando ao redor desafiadoramente. E então, apertou os lábios e foi até a caixa. Tirou um papel e o segurou atrás de si.

– Bruno – disse o Sr. Venâncio. E Bruno Fortunato foi até a caixa e a sentiu ao redor, finalmente trazendo em sua mão o último pedaço de papel que havia dentro.

A multidão estava quieta. Uma garota sussurrou: “Espero que não seja a Nanci.” E o som do sussurro atingiu cada canto da multidão.

– Não é como era antes – disse claramente o velho Vicente – As pessoas não são como eram antes.

– Ok – disse o Sr. Venâncio – Abram os papéis. Haroldo, abra o do pequeno Davi.

O Sr. Covas abriu a tira de papel e um suspiro percorreu a multidão enquanto ele o segurava alto e todos conseguiam ver que estava em branco. Nanci e Bruno Jr. abriram juntos, e os dois, radiantes e sorrindo, viraram para a multidão segurando os papéis acima de suas cabeças.

– Taís – disse o Sr. Venâncio. Houve uma pausa, e então o Sr. Venâncio olhou para Bruno Fortunato e Bruno desdobrou seu papel e o mostrou. Estava em branco.

– É a Taís – disse o Sr. Venâncio com a voz ríspida – Nos mostre o papel dela, Bruno.

Bruno Fortunato pegou o papel bruscamente da mão de sua esposa. Nele tinha a mancha preta feita pelo Sr. Venâncio na noite anterior, com o lápis negro, no escritório da empresa de carvão.

– Ok pessoal – disse o Sr. Venâncio – Vamos terminar rápido.

Mesmo que os aldeões tivessem esquecido o ritual e perdido a caixa preta original, eles ainda lembravam de usar as pedras. A pilha feita pelos meninos mais cedo estava pronta. Haviam pedras no chão junto aos papéis que saíram da caixa. A Sr^a. Da Cruz escolheu uma pedra tão grande que precisou pegar com as duas mãos, então virou para a Sr^a. Rocha.

– Vamos – disse – se apresse.

A Sr^a. Rocha estava com pequenas pedras em ambas as mãos e respondeu ofegante:

– Não consigo correr, você terá que ir na frente e eu te alcanço.

As crianças já estavam com as pedras. E alguém entregou ao pequeno Davi Fortunato algumas pedrinhas.

Taís Fortunato agora estava no centro de um espaço aberto, e colocou as mãos para o alto desesperadamente enquanto as pessoas iam em sua direção.

– Não é justo – disse. Uma pedra atingiu o lado de sua cabeça. O velho Vicente dizia:

– Vamos, vamos todos.

Esteves Aguiar estava na frente da multidão com a Sr^a. Covas ao seu lado.

– Não é justo, não é certo – a Sr^a. Fortunato gritava e, então, estavam em cima dela.

[1] BATAILLE, Georges. Documents: George Bataille. Trad. João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes, Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

[2] COHEN, Gustavo Vargas. SHIRLEY JACKSON: UMA APRESENTAÇÃO NECESSÁRIA. SOLETRAS, Ano XI, N° 22, jul./dez.2011. São Gonçalo: UERJ, 2011

[3] A versão de referência utilizada para essa tradução foi disponibilizada pelo Anglophone West School District de New Brunswick, Canadá por meio do link:

[http://web1.nbed.nb.ca/sites/ASD-S/1820/J%20Johnston/The Lottery with questions Shirley Jackson.pdf](http://web1.nbed.nb.ca/sites/ASD-S/1820/J%20Johnston/The_Lottery_with_questions_Shirley_Jackson.pdf)

A mãe aos monstros

Guy de Maupassant



Apresentação e tradução por:

Brenda Bressan

Thomé Ivi Villar

Murilo Lima Munhoz

Ilustração:

Ivi Villar

O jogo na monstruosidade de Maupassant

Guy de Maupassant, ou Henry-René-Albert-Guy de Maupassant, foi um escritor francês do século XIX conhecido por seus contos, novelas e romances. Viveu entre 1850 e 1893, morreu com apenas 43 anos por uma doença que prejudicava os nervos, causava tremores e alucinações em decorrência da sífilis. É considerado um dos autores mais respeitados da França no século XIX e um dos mais lidos à época. O estilo do autor transitou do realismo para o fantástico, abordando as hipocrisias da sociedade burguesa e, ao final da vida, temas como a alucinação e a loucura. Suas frases descritivas constroem imagens límpidas, formando quase uma pintura, ao melhor estilo de um de seus mestres, Gustave Flaubert.

O conto *La mère aux monstres* foi publicado pela primeira vez em 12 de julho de 1883, no periódico parisiense *Gil Blas*. Trata-se de um conto que utiliza elementos de fantástico e horror para propor uma crítica aos valores sociais e morais da sociedade da época, especialmente no que diz respeito à condição do papel social da mulher.

Maupassant escrevia sobre os vícios e hipocrisias da sociedade burguesa da França, e neste conto, seu ponto de vista fica claramente representado pelo cinismo dos personagens e pela condenação moral e social das personagens mulheres. A mãe dos monstros é aquela que não seguiu os dogmas da sociedade da época, engravidou sem se casar, foi obrigada a esconder o filho o máximo possível, pois isso a tornaria uma pária. Ela é, portanto, considerada monstruosa, uma diaba. Em seu sacrifício para não ser excluída, criou uma verdadeira máquina de tortura para comprimir o ventre, o que acabou por causar deformações em seu filho, que nasceu parecendo um monstro. Esta era

a idade do ouro do espartilho. Surgido no séc. XVI, essa vestimenta havia se tornado uma verdadeira máquina de tortura com a então obsessão pelas cinturas exageradamente finas na segunda metade do séc. XIX.

Uma das mães profana o seu corpo em nome do dinheiro (e da sobrevivência), a outra o faz em nome da beleza (e de manter sua posição em uma sociedade de aparências). Elas profanam pois seus sacrifícios não são em benefício de seus filhos, mas de si mesmas. Assim, subvertem o propósito esperado da gravidez, que é comumente vista como um sacrifício físico da mulher para dar à luz filhos saudáveis. A atitude de uma delas é “aceitável” por se conformar com a expectativa social do que a mulher deveria desempenhar na sociedade (ser bonita), já o outro tem sua monstruosidade acentuada por tratar-se de uma mulher de classe social marginalizada.

O próprio título já fornece uma pista para a crítica proposta por Maupassant. O jogo linguístico no título *La mère aux monstres*, brinca com a preposição *aux*, que pode ser traduzida como “aos monstros”, “para os monstros” ou “dos monstros”. Nenhuma destas construções em português daria conta da ambiguidade colocada na língua francesa.

Por exemplo, *Un café au lait*, traz o leite dentro, misturado. Assim é a mãe dos monstros, que os cria misturados em suas entranhas. A construção é diferente em frases com “de”, como em *un pain avec du beurre*, que remete à manteiga como algo que toca, cobre o pão, mas não se misturou a ponto de se tornar um objeto só. Assim, a mãe dos monstros, como *un café au lait*, traz os monstros em suas entranhas, dentro de si, fabricante de monstros sendo ela mesma, monstro em sua híbrida constituição.

O título já foi traduzido para o português como “A mãe dos monstros”, por José Thomaz Brum e publicado pela LPM Pocket, em 1997. No espírito das considerações que trouxemos anteriormente, ousamos propor um novo título, “A mãe aos monstros”, destacando um outro lado do jogo linguístico

do original.

Enquanto tradutores, nos esforçamos ao máximo para manter o estilo e as ambiguidades propostas pelo autor, numa tentativa de transpor as qualidades profanadoras do realismo com nuances impressionistas, fantásticas, horríveis e cínicas deste conto. Agora, convidamos você a ler o resultado!

A mãe aos monstros

Lembrei-me desta horrível história e desta horrível mulher ao ver passar outro dia, numa praia frequentada pelos ricos, uma parisiense conhecida, jovem, elegante, charmosa, adorada e respeitada por todos.

Minha história já é bem antiga, mas não se esquece tão fácil dessas coisas.

Eu tinha sido convidado por um amigo para ficar por um tempo na sua casa em uma pequena cidade do interior. Para fazer as honras do lugar, ele levou-me para passear por todos os cantos, fez-me ver as melhores paisagens, os castelos, as indústrias, as ruínas; mostrou-me os monumentos, as igrejas, as velhas portas entalhadas, as árvores de enorme porte ou de forma estranha, o carvalho de Saint André¹ e o teixo de Roqueboise.

Quando terminei de examinar com exclamações de entusiasmo benevolente todas as curiosidades da região, meu amigo declarou-me com uma expressão entristecida que não havia mais nada para visitar. Eu respirei. Poderia então descansar um pouco, à sombra das árvores. Mas, de repente, ele soltou um grito:

– Ah, sim! Nós temos a mãe aos monstros, é preciso que eu o apresente a ela. Eu perguntei:

– Quem é essa? A mãe aos monstros? Ele respondeu:

– É uma mulher abominável, um verdadeiro demônio, um ser que dá à luz todos os anos, voluntariamente, filhos deformados, horrorosos,

assustadores, verdadeiros monstros, enfim, e que os vende aos circos dos horrores.

Esses medonhos negociantes vêm se informar de tempos em tempos se ela produziu algum monstrengo novo, e, quando a criatura os agrada, levam-na embora pagando um aluguel à mãe.

Ela tem onze rebentos deste tipo. É rica.

Você acha que estou brincando, que invento, que exagero. Não, não, meu amigo.

Não lhe conto senão a verdade, a pura verdade.

Vamos ver essa mulher. Conto-lhe em seguida como ela se tornou uma fábrica de monstros.

Ele levou-me à periferia.

Ela morava em uma bonita casinha às margens da estrada. Era simpática e bem cuidada. O jardim cheio de flores cheirava bem. Dir-se-ia a morada de um notário aposentado.

Uma criada levou-nos a uma espécie de pequena sala rústica, e a infeliz apareceu. Ela tinha uns quarenta anos. Era uma pessoa alta, de aspecto duro, mas bem-feita, vigorosa e saudável, o verdadeiro tipo de camponesa robusta, meio-bruta e meio-mulher.

Ela sabia da reprovação que a atormentava e parecia receber as pessoas com uma humildade detestável.

Ela perguntou:

– O que esses senhores querem? Meu amigo continuou:

– Disseram-me que seu último filho era como todo mundo, que ele não se parecia em nada com seus irmãos. Eu queria ter certeza. Isso é verdade?

Ela lançou-nos um olhar astuto e furioso e respondeu:

– Oh não! Oh não! Meu pobre sinhô. Ele é talvez mais feio que os ôtro. Eu num tenho sorte, nada de sorte. Todos assim, meu bom sinhô, todos assim,

é uma desolação, pode isso que o bom Deus seja duro assim com uma pobre muié sozinha no mundo, pode isso?

Ela falava rápido, os olhos baixos, com um ar hipócrita, parecida com um animal feroz que tem medo. Abrandava o tom áspero de sua voz, e a gente se espantava que essas palavras lamuriosas e afinadas em falsete saíssem daquele corpo ossudo, forte demais, com ângulos grosseiros, que parecia feito para os gestos veementes e para uivar à maneira dos lobos.

Meu amigo pediu:

– Nós gostaríamos de ver seu pequeno.

Ela pareceu-me corar. Talvez tenha eu me enganado? Depois de alguns instantes de silêncio, pronunciou com uma voz mais alta:

– Pra quê isso serviria a vocês?

E ela havia levantado a cabeça, encarando-nos com olhadas bruscas e fogo nos olhos.

Meu companheiro retomou:

– Por que você não quer nos mostrá-lo? Há muita gente a quem você o mostra. Você sabe de quem estou falando!

Ela teve um sobressalto, e soltando a voz, soltando sua cólera, gritou:

– É por isso que cês vieram, diz! Pra me insultar, né? Porque meus filhos são como animais, hein? Vocês não o verão, não, não, vocês não o verão; vão embora, vão embora. Num sei o que é que cês todos têm que me agonizar assim?

Ela caminhava em direção a nós, as mãos nos quadris. Ao som brutal de sua voz, uma espécie de gemido ou antes um miado, um grito lamentável de idiota partiu do cômodo vizinho. Estremeci até a medula. Nós recuávamos diante dela.

Meu amigo ameaçou com um tom severo:

– Tome cuidado, Diaba (a chamávamos de diaba, entre o povo), tome

cuidado, um dia ou outro isso lhe trará infelicidade.

Ela começou a tremer de fúria, agitando seus punhos, transtornada, gritando:

– Vão embora! O quê então que me trará infelicidade? Vão embora! Bando de descrentes!

Ela ia avançar em nós. Fugimos com o coração crispado. Quando estávamos diante da porta, meu amigo perguntou-me:

– Pois bem! Você a viu? O que me diz? Eu respondi:

– Conte-me então a história desta selvagem.

E eis o que ele me contou voltando lentamente pela grande estrada branca, margeada de colheitas já maduras, que um vento leve, soprando, fazia ondular como um mar calmo.

Esta moça era empregada antigamente de uma fazenda, valente, organizada e econômica. Não se sabia de nenhum namorado, não se desconfiava de nenhuma fraqueza sua.

Ela cometeu uma falta, como todas elas fazem, numa tarde de colheita, no meio dos feixes ceifados, sob um céu de tempestade, quando o ar imóvel e pesado parece pleno de um calor de forno, e encharca de suor os corpos morenos dos rapazes e das moças.

Percebeu-se logo grávida e foi torturada pela vergonha e pelo medo. Querendo a todo preço esconder sua infelicidade, ela comprimia o ventre violentamente com um sistema que havia inventado, espartilho de força, feito de tabuinhas e de cordas. Mais seu flanco inflava sob o esforço da criança crescendo, mais ela apertava o instrumento de tortura, sofrendo o martírio, mais corajosa à dor, sempre sorridente e flexível, sem nada deixar ver ou desconfiar.

Ela estropiou em suas entranhas o pequeno ser envolto pela horrível máquina; comprimiu-o, deformou-o, fez dele um monstro. Seu crânio

pressionado alongou-se, irrompendo com dois grandes olhos para fora saltados da testa. Os membros oprimidos contra o corpo desenvolveram-se, tortos como a madeira das videiras, alongaram-se desmedidamente terminando em dedos parecidos com patas de aranha.

O torso ficou pequeno e redondo como uma noz.

Deu à luz em pleno campo, em uma manhã de primavera.

Quando as mondadeiras, vindo em seu amparo, avistaram a besta que saía de seu corpo, fugiram aos berros. E o boato correu a região de que ela havia colocado no mundo um demônio. A partir de então, passaram a chamá-la de “a Diaba”.

Ela foi expulsa de seu posto. Viveu de caridade e talvez de amor às escuras, pois era moça bonita e nenhum homem tem medo do inferno.

Ela criou seu monstro, mesmo nutrindo por ele um ódio feroz, e o teria estrangulado se o cura, prevendo o crime, não a tivesse feito temer a ameaça da justiça.

Ora, certo dia, um circo dos horrores, passando por ali, ouviu falar desse medonho monstrengo, e pediu para vê-lo, a fim de levá-lo consigo caso gostasse dele. Eles gostaram, e pagaram à mãe quinhentos francos em dinheiro. Ela, envergonhada de início, não permitiu que vissem semelhante animal; mas, quando descobriu que ele valia dinheiro, que excitava o interesse dessa gente, pôs-se a barganhar, a negociar cada centavo, ressaltando as deformidades da criança e encarecendo o preço de cada anomalia com a tenacidade de uma camponesa.

Para não ser roubada, fez um contrato com eles. E eles se comprometeram a pagar-lhe outros quatrocentos francos por ano, como se tivessem tomado essa besta a seu serviço.

Esse lucro inesperado enlouqueceu a mãe, e o desejo não mais a abandonou de gerar outra aberração, para viver de rendas como uma burguesa.

Como era fértil, ela conseguiu fazê-lo à vontade, e tornou-se hábil, parece, em variar as formas de seus monstros conforme as pressões pelas quais os fazia passar durante a gravidez.

Ela os teve dos longos e dos curtos, alguns semelhantes a caranguejos, outros a lagartos. Muitos morreram; ela ficou desolada.

A justiça tentou intervir, mas nada pôde ser provado. Deixaram-na, então, fabricando em paz os seus monstrenços.

Ela possui atualmente onze vivos, que lhe rendem, ano sim ano não, entre cinco e seis mil francos. Um só ainda não foi colocado, aquele que ela não quis mostrar-nos. Mas não o guardará por muito tempo, pois é conhecida de todos os saltimbancos do mundo, que vêm de quando em quando ver se ela tem alguma novidade.

Ela chega a fazer leilões entre eles quando o assunto vale a pena.

Meu amigo calou-se. Um desgosto profundo fez-me pular o coração, e uma cólera convulsa, um arrependimento de não ter estrangulado aquela brutamontes quando tive a chance.

Perguntei:

– E quem é o pai então? Ele respondeu:

– Não se sabe. Ele ou eles têm certo pudor. Ele ou eles preferem não mostrar-se.

Talvez dividam os benefícios.

Eu já não pensava mais nessa distante aventura, quando percebi outro dia, em uma praia da moda, uma mulher elegante, atraente, coquete, amada, cercada de homens que a admiravam.

Eu ia pela orla, de braços dados com um amigo, o médico do local. Dez minutos mais tarde, avistei uma criada que tomava conta de três crianças enrodilhadas sobre a areia.

Um par de pequenas muletas jazia no chão e comoveu-me. Notei, então,

que essas três pequenas criaturas eram disformes, corcundas e aduncas, detestáveis.

O médico disse-me:

– São os produtos da atraente mulher que você acabou de encontrar. Uma piedade profunda por ela e por seus filhos invadiu-me a alma.

Exclamei:

– Oh coitada da mãe! Como pode ainda rir! Meu amigo replicou:

– Não a lamente, meu caro. É por estes coitadinhos que precisa lamentar. Eis o resultado das cinturas mantidas finas até o último instante. Esses monstros foram fabricados com espartilho. Ela sabe bem que arrisca sua vida com essa brincadeira. Que lhe importa, contanto que seja bela e amada.

E lembrei-me da outra, a camponesa, a Diaba, que os vendia, suas criaturas.

12 de junho de 1883.

[1] O carvalho de Saint André pode se referir a uma árvore de cerca de 600 anos localizada no sul da França numa região próxima dos Pirineus.

[2] *La Mère aux monstres* foi publicado inicialmente na revista Gil Blas em 12 de junho de 1883 sob o pseudônimo de Maufrigneuse e posteriormente na Coletânea Toine. A versão aqui utilizada foi digitalizada por Rémi Charest e adaptada para HTML em 22 de agosto de 1998 por Thierry Selva para a Universidade de Pisa, na Itália. Disponível em: http://omero.humnet.unipi.it/matdid/128/Maupassant_M%C3%A8re-aux-monstres.pdf.

Sobre as ilustrações

Sobre as ilustrações de “Histórias de Ojepotá contadas por um xeramoí”, por Samuel de Souza.

A ilustração da imagem de um ser humano com a metade animal refere-se à história do Ojepotá, onde consta que todos nós temos uma outra face, sendo ela um lado sombrio, ou um lado onde guardamos nossos pensamentos ocultos. Na cultura Mbya Guarani, todos nascemos com os dois espíritos, um podendo ser manipulado para qualquer coisa, podendo ser corrompido para o lado sombrio do Ojepotá. Todos temos escolhas, e são essas escolhas que nos levam para o bem ou para o mal.

Sobre as ilustrações dos contos “A Galinha Degolada”, de Horácio Quiroga, e “A Loteria”, de Shirley Jackson, por Alison Silveira Moraes.

Estas duas das obras que compõem o livro *Ojepotá e outros três tristes contos tétricos* se chamam “A Urna” para o conto “A Loteria” de Shirley Jackson, e “A Galinha Degolada” para o conto de mesmo nome de Horácio Quiroga.

Ambas as ilustrações foram criadas pensando em uma forma de representar algum aspecto ou característica inerente à história e importante de cada texto. “A Urna”, trata-se do artefato utilizado pela população em “A Loteria”, para que o sorteio fosse feito. É um objeto histórica e culturalmente importante para aquele vilarejo e, de certa forma, também o símbolo que marca a longevidade de um ritual e de uma tradição.

No entanto, todos os cidadãos sabem o que de fato essa urna preta

carrega consigo: uma sentença final, a morte. Talvez por esse motivo, mantém a devida distância quando se organizam ao redor dela na praça, se olham e se comportam de forma sóbria, séria e, muitas vezes, amedrontada. Outra questão interessante é que, por mais que a tradição e a condução do próprio ritual tenha passado por algumas mudanças ao longo dos anos, a caixa preta continua como símbolo principal. Inclusive eles reformam a caixa nova com pedaços bons da caixa antiga, o que demonstra que existe uma espécie de estigma religioso bem estabelecido e permeando as relações com o ritual e, principalmente, uma enorme preocupação para que ele corra da maneira correta.

No caso de “A Galinha Degolada”, sabemos que a literalidade do desenho não necessariamente condiz com a história, pois o enredo gira também em torno de diversos outros momentos de tensão. No entanto, o objetivo foi criar uma ilustração “despistadora”, aquela que traz pistas falsas com o intuito de afastar o leitor da resposta correta. Apesar de sabermos que, em determinado momento da narrativa, os trigêmeos observam a empregada de fato degolando uma galinha, e que surge uma certa aflição e uma inquietação em relação aos meninos, o ocorrido não revela ao leitor as intenções do autor para o final sanguinolento que temos.

Ambas as ilustrações foram criadas usando o estilo cross hatched combinado com estilo livre em caneta Nankin Sakura Pigma Micron 0.4.

Sobre as ilustrações do conto “A mãe aos monstros”, por Ivi Villar.

O conto “A mãe aos monstros” fala de monstros. Mas não apenas dos monstros-filhos, criados em decorrência de um certo espartilho cerrado. Fala de monstros internos, mas não apenas daqueles dentro do ventre de uma certa mulher que estrangula os filhos por um valor moral, por dinheiro ou em nome da beleza. Fala também, de forma sutil, dos monstros sociais, criados no ventre de uma sociedade moralista e julgadora, cujos valores delineadores da imagem e da conduta feminina acabam criando, também, outros monstros internos. Monstros a povoar, muitas vezes, desejos, receios e necessidades de muitas mulheres que, no anseio de serem aceitas ou aprovadas pela sociedade, acabam deixando-se submeter a operações de grande desconforto.

A imagem que escolhi para ilustrar este conto mostra uma mulher deitada de costas, a cabeça levemente abaixada, como quem reflete. Como as mulheres de Maupassant, veste um espartilho apertado. Esta ilustração já havia sido feita antes mesmo da tradução do conto. Assim, ela não ilustra apenas as personagens do conto *A mãe aos monstros*. Ela representa uma mulher, e ponto. Uma mulher vestindo um espartilho apertado. Não sabemos o que sente, não sabemos se escolheu vesti-lo para satisfazer um padrão de beleza, um desejo de sedução, uma necessidade de dinheiro...

Quando li o conto pela primeira vez, este desenho que eu já havia feito há tanto tempo me veio imediatamente à memória: uma mulher como tantas outras ao nosso redor. De uma forma ou de outra, uma mãe aos monstros da nossa sociedade: Bonita. Solitária. Cintura fina. Aprovada pela sociedade?

Sobre os / as organizadores / as e tradutores / as

Alison Silveira de Moraes

Tradutor, escritor e ilustrador. Bacharel em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018), atualmente discente no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET UFSC). Possui algumas traduções publicadas em revistas online e contos do gênero terror/horror publicadas em coletâneas de escritores independentes.

E-mail: alison-s-moraes@hotmail.com

André Luiz Cohn da Silveira

Psicólogo e professor de língua inglesa. Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015). Licenciado em Psicologia pela mesma Instituição (2017). Especialista em Gineterapia - cuidado da mulher, pelo Instituto Tecnológico e Educacional (2018). Mestrando no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: de.csilveira@gmail.com

Brenda Bressan Thomé

Jornalista, tradutora e revisora. Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestranda em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na mesma Instituição, onde é bolsista do CNPQ. Pesquisa crítica da tradução em literatura francófona e latino-americana.

E-mail: brendathome@gmail.com

Dirce Waltrick do Amarante

Professora no curso de Artes Cênicas e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Traduziu, entre outros, James Joyce, Gertrude Stein, Eugène Ionesco, Edward Lear.

E-mail: waltrickdoamarantesdirce@gmail.com

Evandro Rodrigues

Mestre em literatura pela Universidade Federal de Florianópolis (UFSC). Fundador e editor responsável pela Katarina Kartoner.

Félix Lozano Medina

Tradutor e professor do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e, atualmente, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na mesma Instituição.

Email: lozano.felix@gmail.com

Ivi Villar

Tradutora e professora de língua francesa. É mestra em Literatura, com formação em Letras Língua e Literatura Francesa, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é doutoranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na mesma Universidade.

E-mail: ivivillar@gmail.com

Jacqueline Augusta Leite de Lima

Tradutora, mestranda do Programa de Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CAPES, professora de língua espanhola,

formada pela Universidade Federal do Pará (2017). Pesquisadora de literatura latino-ameríndia, literatura pós-colonial, memória e estudos feministas da tradução.

E-mail: jacqueline93lima@gmail.com.

Kátia Barros de Macedo

Tradutora e professora de língua inglesa. Graduada em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (2013) e especialista em Língua Inglesa pela mesma Instituição (2018). Atualmente, mestranda do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: katiabmacedo29@gmail.com

Lauro Luis Souza de Henrique

Professor efetivo da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Graduado em Letras – Português e Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2012). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016). Doutorando na Pós-Graduação em Literatura pela mesma Instituição.

E-mail: laurodehenrique@gmail.com

Luciana Lomando Cañete

Tradutora, intérprete, professora e poeta. Formada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Paraná e especialista em tradução pela Universidade Gama Filho. Traduziu poetas contemporâneos latino-americanos para a revista virtual *Mallarmagens*, publicou o livro *Meu coração bate e às vezes me espanca* (Multifoco, 2009).

E-mail: lucanete@hotmail.com

Márcia Antunes Martins

Graduada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica pela Universidade Federal de Santa Catarina (Língua Guarani). Mestranda no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela mesma Instituição.

Mauro Maciel Simões

Formado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Atualmente é aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: mauromacielsimoes@gmail.com.

Murilo Lima Munhoz

Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Maringá (2014). É mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2019) e atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade federal de Santa Catarina.

E-mail: murilolimamunhoz@gmail.com.

Natália Elisa Lorensetti Pastore

Tradutora, revisora e professora de língua inglesa. Graduada em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Mestranda no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na mesma Instituição.

E-mail: natalia.e.pastore@gmail.com

Samuel de Souza

Graduado em Gestão Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela mesma Instituição.

E-mail: samuelkarai@gmail.com

Vássia Silveira

Jornalista e escritora. Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Autora de *Branca nuvem em céu escuro* (Penalux, 2018), *Febre terça* (Selo Off Flip, 2014) e *Indagações de ameixas* (Multifoco, 2011). Atualmente, doutoranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. E-mail: vassia@uol.com.br

EDITORA ECOLÓGICA

Os livros da Editora Katarina Kartonera são basicamente feitos à mão, exclusivos, frutos de uma consciência político-social de inclusão, que recicla materiais, como os papelões, recuperando-os ecologicamente e vinculando na produção e comercialização a participação de escritores, catadores e interessados por confecções de livros artesanais.



Katarina Kartonera

Coleção de poesias e narrativas contemporâneas

Ficou gemendo pero ficou sonhando (transcruz&sousainvencione al portuñol selvagem), Douglas Diegues, 2008; *O Sexo Vegetal*, Sérgio Medeiros, 2009; *Peças Sintéticas*, Dirce Waltrick do Amarante, 2009; *O Gato Peludo e o Rato-de-Sobretudo*, Wilson Bueno, 2009; *Contos Maravilhosos*, Kurt Schwitters (Tradutores: Maria Aparecida Barbosa, Walter Sille Krause, Heloísa da Rosa Silva, Gabriela Nascimento Correa), 2009; *A Carne do Metrô*, Rodrigo Lopes de Barros, 2009; *Sempre, Para sempre, lá e cá*: Poemas de Velimir Khlébnikov (Trad. Aurora Bernardini), 2009; *Arte e Animalidade*, Coleção de textos sobre arte e animalidade. Organizadores: Ana Carolina Cernicchiaro, Evandro Rodrigues e Sérgio Medeiros, 2009; *Os Chuvosos*, Wilson Bueno, 2009; *Fio no Pescoço*, André do Amaral, 2009; *Lo que ocurre en silencio*, Andrew Bernal Trillos, 2010; *Las Putas Drogas*, Cristino Bogado, 2010; *Triplefrontera Dreams*, Douglas Diegues, 2010; *Bafo e cinza*, Sérgio Medeiros, 2010; *Dez Romances Breves*, Luiz Roberto Guedes, 2010; *Mulher Asfalto*, Alain-Kamal Martial (Trad. e adapt. Lucrécia Paco), 2011; *Figurantes*, Sérgio Medeiros, 2011; *Inferno de bolso*, Eloésio Paulo, 2011; *Trajetos Kartoner*, Evandro Rodrigues, 2011. *Poços*, Wiliam de Oliveira, 2012; *XupandoXilokona— xó®xéka— miniantolojia autoerôtika provisoria*, Jorge Canese, 2012; *Anúncios*, Adolfo Montejo Navas, 2012; *As metades do corpo*, Ricardo Aleixo, 2012; *Receitas*. Edward Lear (Trad. Dirce Waltrick do Amarante), 2012; *Delirinho*. Charles A. Perrone, 2013; *Histórias do Córrego Grande*, Leandro Durazzo, 2015; *Sinapse*, Nunes Zarel-leci, 2015; *Mínima Alice*, Wilson Bueno, 2015 *Ahô-ô-ô-oxe*, Amador Ribeiro Neto, 2015; *A Ovelha Negra*, Mily Schabbel, 2016; *O Menino da sua mãe*, Djami. Sezostre, 2016; *O gato e el diablo*, James Joyce. Tradução Félix Lozano Medina, 2019.